

Bens Naturais sob a tutela de Elizabeth Gontijo

Fábio Lucas

Ao entrarmos em contacto com os objetos que a memória de Elizabeth Gontijo evoca, reconduzindo a magia rural à dicção urbana, em *Corpo à vela* (Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014), fonte da riqueza vocabular da poeta, nos damos conta da temática que sustenta a produção lírica. É forte o paisagismo dos poemas. Descrevem estes os momentos íntimos do espírito em busca do consolo oculto nas formas visíveis e na harmonia das palavras.

Regem-nos as cores, as luzes, tudo enfim envolvido de sinais nostálgicos. A poeta também se mostra uma aquarelista. Outrora se faziam cromos para esse efeito, ou seja, para elaborar poesia descritiva de uma cena ou paisagem, plantas, flores.

O texto vem a ser um tecido fino, traçado por uma sensibilidade que transcende o aparato vocabular.

Elizabeth Gontijo resgata a arte poética dedicada à expressão singela, pejada da eloquência do passado de tudo aquilo que se perdeu, mas que, entretanto, ficou aprisionado ao poder da manifestação verbal.

O meio-tom é da elegia. O prazer da leitura advém da arte inerente ao canto das palavras, às sugestões que emanam do culto da passagem do tempo ou da retenção dos traços que compõem a beleza e ambição de ousar a eternidade.

São belas as lembranças da avó (p.15), da mãe (p.16), da maturidade (p.29).

É comum, entre os melhores poetas, o verso final, quem sabe a chave de ouro, fecho independente a desafiar o contexto da composição. O grito do coração ferido, da mente inconsolada. “Porto qualquer” é assim (p.74); “Canto Calado” também (p.78).

A obra se apresenta ilustrada, o que regala o leitor com o prazer adicional do requinte plástico. A leitura se torna igualmente um culto. O culto da beleza estética formada de espaços e tempos.

Corpo à vela ingressa nas Letras sob o pálio da melhor companhia: Guimarães Rosa, Jacques Prévert. A metalinguagem acode para consolidar conceitos que enaltecem a Poesia (“Solo”, por exemplo, à p. 29). Temos uma coleção de reminiscências de uma criança ou de uma adolescente de mente enérgica. Incontáveis são os poemas confessionais (exemplo: “O sol o sal”, p. 51) e “Intervalo” (p. 54). Sombras, mistérios e facetas do medo ocorrem nos poemas de cunho intimista. Mais uma vez, Elizabeth Gontijo dignifica a expressão lírica.

Solo

Não.

Não sou mais bela
nem mesmo adormecida.
Beijo antigo me desencantou.
Sou quase velha
e acordada:
à raiz dos cabelos
constantes retoques.
Mais uma ruga fisga-me o rosto
e sob a pele finíssima,
cintilam
veias azuis.

Não sou mais bela,
 não!
 Conquanto
em algum canto meu
viceje eterna
a Poesia.